

## Sionismo como projeto identitário Rio de Janeiro (1901-1918)

JULIA SOUZA OLIVEIRA\*

Definir o que é um judeu ou o que é uma identidade judaica, segundo Lina Gorenstein, é uma questão extremamente complexa e dificilmente será possível alcançar uma definição completa e permanente. Pois ao abordarmos a identidade judaica é necessário considerar os inúmeros fatores que podem compor esta auto identificação, como os aspectos ligados a religião, a etnia, a cultural, a ética, a filosofia, entre tantos outros. Para além disso, há também, no caso dos imigrantes judeus, as identidades nacionais ligadas ao país de origem e a que se forma em relação ao país de chegada. Em meados do século XIX outros elementos de identificação passam a também compor esta equação. Movimentos políticos começaram a surgir em meio as comunidades judaicas da Europa, tendo como objetivo central unificar as diferentes tendências do judaísmo, para isso, propunham também, novas identidades. Trataremos aqui especificamente do nacionalismo judaico, conhecido como sionismo e buscaremos entender como e por quais meios ele chegou ao Brasil e até que ponto é possível falar em uma identidade pelo viés sionista para os imigrantes judeus radicados no Rio de Janeiro no início do século XX.

Inspirado nos movimentos nacionalistas europeus do século XIX, o sionismo designa tanto uma filosofia quanto um movimento político; seu objetivo central é a criação de um estado nacional judaico na região da Palestina como forma de mitigar o antissemitismo. O livro *Der Judenstaat*<sup>1</sup>, escrito por Theodor Herzl<sup>2</sup>, é considerado a certidão de nascimento do movimento, nele afirmava-se que “[...] a questão judaica não era social, nem religiosa, mas sim nacional.” (HERZL, 2015, p.47). Um ano após o lançamento do livro, realizou-se na Basileia<sup>3</sup> o Primeiro Congresso Sionista Mundial. No discurso que deu início as discussões, Herzl afirmava que

---

\* Mestranda em História Social da Cultura pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista – Campus de Franca. Sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Virginia Célia Camilloti.

<sup>1</sup> O Estado Judeu, publicado originalmente em alemão no ano de 1896.

<sup>2</sup> Judeu austro-húngaro, nasceu no ano de 1860 em Peste, Hungria. Foi jornalista e fundador do moderno sionismo político. Faleceu em 1904.

<sup>3</sup> Terceira maior cidade da Suíça.

*O sionismo já realizou uma obra singular que antes parecia impossível: a estreita união dos elementos mais modernos do judaísmo com os mais conservadores. Como isto se consumou sem que nenhuma das partes fizesse concessões indignas e sem sacrifícios intelectuais, constitui mais uma prova, se ainda fosse necessária, da nacionalidade judaica. Semelhante união não é possível se não for com base à nacionalidade. (HERZL, 1897)*

A fim de organizar e sistematizar a atuação do movimento sionista, foi elaborado por Max Nordau<sup>4</sup> o que ficou conhecido como Programa da Basileia que resumia as principais diretrizes e o plano de ação do sionismo em quatro passos: 1) encorajar a colonização da Palestina por judeus agricultores; 2) organizar e unir o povo judeu; 3) fortalecer a consciência judaica e o sentimento nacional; 4) organizar esforços políticos para que os objetivos do sionismo obtivessem o apoio de vários países. (GILBERT, 2010, p.30)

Apesar da pouca repercussão em sua fase inicial e de ter encontrado verdadeira oposição na Europa, o movimento sionista já era bem conhecido no Brasil nos primeiros anos do século XX, segundo Nachman Falbel

*O sionismo no Brasil – Não podemos dizer exatamente quando e quem formou os primeiros núcleos sionistas no Brasil, mas dos poucos dados obtidos em uma pesquisa que ainda está dando seus passos iniciais, sabemos que no início do século, em Belém do Pará, no norte do Brasil, o centro da imigração marroquina, se encontravam sionistas que se correspondiam com outros da Europa, inclusive com Max Nordau, que teve uma influência muito grande, como pensador e humanista, também sobre a intelectualidade brasileira não-judia daquele tempo. (FALBEL, 2008, p. 165)*

No entanto, caberia a incipiente comunidade de imigrantes judeus do Rio de Janeiro dar continuidade a esse primeiro impulso. A referência mais antiga de que temos notícia sobre esta comunidade na então capital da República é de autoria de João do Rio<sup>5</sup> que em suas crônicas conta que

*O Rio tem uma vasta colônia semita ligada à nossa vida econômica, presa ao alto comércio, com diferentes classes sem relações entre elas e diferentes ritos. Há os judeus ricos, a colônia densa dos judeus armênios e há parte exótica; [...]; há israelitas franceses, quase todos da Alsácia Lorena; marroquinos, russos, ingleses, turcos, árabes, que se dividem em seitas diversas, e há os Asknenazi comuns na Rússia, na Alemanha, na Áustria, os falachas da África, os rabbanitas, os Karaitas, que só admitem o Antigo Testamento, os argônicos e muitos outros. (RIO, 1976, p.79)*

<sup>4</sup> Filho de um rabino ortodoxo, nasceu em Peste, Hungria, no ano de 1849. Foi jornalista, médico, escritor e crítico literário. Trabalhou juntamente com Theodor Herzl sendo cofundador da Organização Sionista Mundial e vice-presidente do Primeiro Congresso Sionista. Faleceu em Paris em 1923.

<sup>5</sup> Pseudônimo mais famoso de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto. Foi jornalista e cronista, responsável por uma série de reportagens sobre as religiões no Rio de Janeiro.

Foi em meio a toda essa diversidade que o movimento sionista começou a se estabelecer no Rio de Janeiro. Sabemos que o primeiro passo dado com o objetivo de organizar o sionismo gira em torno de um encontro realizado em 1913 na casa de Jacob Schneider<sup>6</sup>, que teve como resultado direto a fundação da primeira organização sionista do Rio de Janeiro, a Tifereth Sion. Outro núcleo importante de defesa e propaganda do movimento se formou às voltas da revista *A Columna* e de seu idealizador, David José Perez.

Fundada no ano de 1916 por David José Perez<sup>7</sup> e Alvaro de Castilho<sup>8</sup>, *A Columna*, primeiro periódico judaico/sionista publicado em português no Brasil era compilada em formato de revista, lançada à primeira sexta-feira de cada mês e impressa na oficina tipográfica Leuzinger<sup>9</sup>. Suas publicações vão de janeiro de 1916 a dezembro de 1917. Para além de um veículo de informação, colocando-se como órgão dos interesses do povo judeu no país, em seu primeiro número afirmou em um artigo intitulado “Nosso Programma” que

*É verdadeiramente assombroso, phantastico o que a respeito do Judaismo e do seu passado temos lido em vários jornaes. Até pequenos factos históricos aparecem deturpados e exaggerados. Por isso, o primeiro objectivo deste órgão é elucidar, explicar esses senões, corrigil-os, e apresentar o Judeu tal como elle é na sua vida religiosa, social e politica. (A Columna, 1916, nº1, p.1)*

Para além disso, a orientação sionista deste periódico possibilitou o imediato apoio da Tifereth Sion. Assim, a revista também se tornou porta-voz oficial da associação, publicando notícias referentes as suas atividades filantrópicas e as atas de suas reuniões.

*A Columna* tendo o sionismo como centro de seu discurso, se notabilizou por difundir arduamente o nacionalismo judaico, em seu primeiro número publicou uma biografia de Theodor Herzl em que o criador do sionismo era exaltado por sua atuação em defesa do povo

---

<sup>6</sup> Um dos grandes nomes do movimento sionista no Brasil. Embora não tenha trabalhado na redação d’*A Columna*, atuou ativamente na busca de recursos para que a revista continuasse publicando seus exemplares.

<sup>7</sup> Descendente de imigrantes da África do Norte que se instalaram no Pará, David José Peres nasceu em Breves no ano de 1883. Cursou direito, ciências econômicas e fez magistério; teve uma carreira exemplar como professor atuando nos mais renomados colégios e faculdades do Rio de Janeiro. Membro ativo da comunidade judaica no Brasil foi um dos grandes nomes do movimento sionista no país.

<sup>8</sup> Alvaro de Castilho nasceu na Paraíba do Sul em 1878. Cursou a escola Politécnica do Rio de Janeiro. Não era judeu, mas sim adepto da religião Nova Jerusalém. Foi colaborador íntimo de David Perez.

<sup>9</sup> Criada em 1840 pelo suíço George Leuzinger, funcionou inicialmente como papelaria, depois foi transformada em oficina de gravura, tipografia e litografia, se tornando em dos principais estabelecimentos de impressão do Rio de Janeiro daquele tempo.

judeu. Na edição de número quatro, tornaram publica a carta enviada por Max Nordau a David José Perez, nela Nordau diz que

*Será preciso falar do movimento que se prepara por toda a parte, e particularmente nos Estados Unidos para organizar uma representação do Povo Judeu à conferência de paz que, cedo ou tarde, se reunirá para pôr fim à guerra mundial. É preciso despertar, avivar, fortificar o sentimento de solidariedade judaica entre nossos irmãos brasileiro. (A Columna, 1916, nº2, p.46)*

Mas do que Herzl, tudo indica que é Max Nordau a grande referência intelectual a ter influência sobre sionismo de David José Perez e, conseqüentemente, sobre a orientação d' A Columna da qual era diretor. Seguindo as orientações de Nordau redigidas na referida carta,

*Desde que me permittis que vos aconselhe, tenho a dizer-vos que deveis relegar a plano secundário as questões apologéticas, isto é, as que se relacionam com a religião, com o passado longínquo, com o antigo martyriologio, com as santas escrituras do nosso povo, e mesmo deixa-as de parte para cuidar de preferencia da situação actual dos Judeus e dos acontecimentos que lhes dizem respeito. (A Columna, 1916, nº4, p. 46)*

A revista tratou majoritariamente sobre assuntos ligados a vida contemporânea, versando sobre as condições de vida e as restrições impostas ao povo judeu, principalmente no Leste Europeu, abordando em menor medida as questões relacionadas a história e a religião.

Embora houve uma preocupação por parte da redação da revista em trazer texto dos mais variados assuntos, inclusive com a publicação de poemas e crônicas ligadas a temática judaica, ainda assim, os assuntos relacionados ao nacionalismo judaico ocupava a maior parte das páginas dos exemplares, sobre isso Nachman Falbel afirma que

*A leitura do periódico, durante seus dois anos de existência, mostra a orientação imprimida pelos seus redatores no tocante à divulgação do ideal sionista, seja sob forma de notícias internacionais referentes ao mundo judaico, presentes em todos os números, seja em forma de artigos específicos traduzidos da imprensa internacional. (FALBEL, 2005, p. 72)*

Para além disso, foi possível contatar que a maior parte dos textos inéditos publicados na revista sobre o sionismo são de autoria de David José Perez, e os que não estão devidamente assinados, supomos, devido ao estilo da escrita, que também sejam de sua autoria. Era ele o responsável por informar aos leitores sobre os últimos acontecimentos e sobre andamento do movimento sionista no Brasil e no exterior.

Na edição de número 9 em um artigo intitulado “*Despertar*” David José Perez dava notícias sobre a realização da Convenção Sionista Americana que se reunira 2 de julho de 1916 na Philadelphia (EUA) para discutir a situação dos judeus e as possibilidades da criação de um estado independente na Palestina, sobre a realização dessa convenção diz Perez que “[...] é uma prova exuberante do grande entusiasmo que reina nas fileiras Sionistas e podemos dizer no seio do mundo judaico, porque, é bom notar, até os indiferentes se estão animando e nos vêm acompanhando em nossos nobres tentames.” (A *Columna*, 1916, nº9, p. 125). Um pouco mais adiante, no mesmo artigo, David José Perez ao mesmo tempo que questiona o fato de não haver um delegado nesta convenção que representasse os judeus do Brasil, afirma que não poderia ser diferente já que o sionismo no Brasil não se encontrava propriamente arregimentado e que a Tifereth Sion, no Rio de Janeiro, não possuía meios para reunir todos interessados para se fazer eleger um representante. Terminou, conclamando os leitores para que se juntassem a associação e para que participassem das atividades sionistas.

Também era publicado n’*A Columna*, mas de forma esporádica, uma sessão intitulada “Movimento sionista” em que se relatava, de modo geral, os esforços despendidos por judeus nas mais variadas partes do mundo para se fazer realizar o objetivo último do sionismo, a criação de um estado judeu independente. Na edição de número 8, a referida sessão trouxe um texto sobre o empenho de soldados alemães e austríacos que mesmo estando em regiões de conflito

*Aproveitando todo tempo disponível que as obrigações militares podem dispensar fazem coletas para aumentar o quinhão de terras que possuímos na Palestina, animam o sentimento judeu nacionalista chegando, muitos deles, à excessiva dedicação de deixarem em testamento ao Fundo Nacional todos os seus bens, antes de entrar em combate. (A Columna, nº8, p. 115)*

Tudo indica que para além de simplesmente trazer informações sobre as comunidades judaicas em outros países, a finalidade dessa sessão era comover e despertar em seus leitores o desejo de também fazer parte desta causa. Assim, fica claro que o objetivo d’*A Columna* não era somente divulgar os ideais do sionismo em terras brasileira, mas sim conseguir efetivamente novos adeptos da causa nacional judaica.

Mas algo chama a atenção quando lemos os exemplares dessa revista, embora seu principal objetivo seja a difusão do nacionalismo judaico diretamente relacionado a ideia da criação de um estado judeu, há em diversos textos verdadeira exaltação a nação brasileira,

alguns artigos terminam, inclusive, com as expressões “viva o Brasil, viva a nação brasileira”. Em sua maioria, são textos que traçam um paralelo entre a condição dos judeus em países do leste europeu e dos judeus que vivem no Rio de Janeiro. O Brasil é apresentado nas páginas d’*A Columna* como uma pátria amiga, embora o grosso da população desconheça o que seja o judeu e o judaísmo, isso não os impede de prosperar e de vivenciar sua fé e cultura com total liberdade.

Há um episódio narrado nas páginas da revista que ilustra bem essa relação entre o movimento sionista e a nação brasileira. Realizou-se na Quinta da Boa Esperança, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 21 de maio de 1916 uma festa e em seguida uma passeata com a finalidade de arrecadar donativos para socorrer os judeus da Palestina que se encontravam sem recursos em decorrência da Guerra. O texto relata que

*As bandeiras nacional e sionista, desfraldadas ao sopro de suave brisa, abriam o préstito. [...]. Os meninos cantaram o hino à bandeira, e em seguida o hino sionista, em hebraico.*

*Tiveram a palavra os oradores inscritos: o Dr. David José Perez, falou em português, o sr. Rodberg, secretário da Tifereth Sion, em hebraico, e o sr. Schneider em Yidische. (A Columna, nº7, p.98)*

Seriam esses atos meramente teatrais e sem significado ou poderiam ser, pelo contrário, indícios de uma identidade judaica/brasileira que começava a se configurar? É possível falar em identidade judaica pelo viés sionista em um país em que o antissemitismo era caracterizado como frágil? É possível afirmar que o discurso sionista impresso nas páginas d’*A Columna* serviu de elemento de identificação para uma parte significativa dos imigrantes judeus que se encontravam no Rio de Janeiro no início do século XX?

Carlos Eduardo Bartel, historiador que se dedicou ao estudo do movimento sionista no Brasil, acredita que

*No Brasil muitos vínculos entre os judeus foram criados pelo movimento sionista, pois ao apresentar o “judeu” enquanto categoria pertencente a um grupo homogêneo, ao aproximar os grupos em torno de um objetivo comum, ao criar canais de interação e contato por onde circulavam informações sobre os judeus radicados no país, ao manter contato com centros judaicos estrangeiros que professaram premissas semelhantes e ao defender a unidade do judaísmo e a solidariedade entre judeus-brasileiros, e entre eles e seus irmãos espalhados pelo mundo, o sionismo criou vínculos entre judeus, contribuindo para forjar uma identidade judaica-brasileira. (BARTEL, 2016, P.145)*

Após a leitura cuidadosa dos doze primeiros exemplares d’*A Columna* tendemos a concordar com Bartel no sentido de que embora a revista tivesse como centro de suas atividades

a difusão do sionismo e a busca por novos membros para o movimento, esse periódico acabou colocando em contato grupos que viveram séculos separados e sem nenhum tipo de relação, é o caso dos sefarditas e dos asquenazes. O que, conseqüentemente, proporcionou meios para dar início a vida comunitária no Brasil, em específico, no Rio de Janeiro. Mas será que isso foi o suficiente para dar origem há novos elementos de identificação?

Tudo indica, e eis aqui apenas considerações parciais, que o se estabelece é uma relação dicotômica e, porque não dizer também, ambivalente, entre um veículo de imprensa que busca despertar sentimentos ligados à uma nação que só existe, até então, no plano das ideias, e um grupo de indivíduos que, bem ou mal, encontrou no Brasil a possibilidade de viver bem sem que para isso tivessem que abandonar sua cultura ou sua religião.

É quase impossível, a essa altura, não lembrar de Home Bhabha (2001) quando fala dos “entrelugares” e dos homens de fronteira, homens que vivem entre duas culturas, que se relacionam e interagem com ambas, mas que efetivamente não integram nem uma nem outra.

Se olharmos atentamente para as páginas d’A Columna temos a impressão de que aqueles imigrantes judeus já não se reconhecem enquanto alemães, poloneses ou russos, embora ainda carreguem traços dessas culturas, mas será que se veem como brasileiro? Quem são esses indivíduos que se auto identificam como judeus, que propagam um discurso sionista e que vivem de forma tranquila na sociedade carioca? Que relações se estabelecem entre o discurso e a realidade? Quem são, afinal, esses homens de fronteira? Que “entrelugar” é esse que parece se configurar nas páginas d’A Columna?

Longe de expor conclusões, buscamos apresentar aqui algumas das indagações e inquietações que norteiam esta pesquisa, por se encontra em sua fase inicial, nos foi possível apresentara apenas conclusões parciais. Para além disso, procuramos evidenciar a importância e relevância d’A Columna como fonte para o estudo da presença judaica no Brasil, em especial na cidade do Rio de Janeiro. Acreditamos que ao nos debruçarmos sobre a construção identitária deste grupo, compreenderemos não só o funcionamento interno dessa comunidade, mas também sua relação e interação com a sociedade brasileira. A história da imprensa judaica, assim como a história do movimento sionista no Rio de Janeiro ainda estar em vias de ser feita, esperamos com este trabalho contribuir de alguma forma, se não com respostas definitivas, ao menos com possibilidades de caminhos a serem trilhados.

### Fonte

*A Columna*. Rio de Janeiro: 14 de janeiro de 1916. n.1, ano 1.

*A Columna*. Rio de Janeiro: 07 de abril de 1916. n.4, ano 1.

*A Columna*. Rio de Janeiro: 07 de julho de 1916. n.7, ano 1.

*A Columna*. Rio de Janeiro: 04 de agosto de 1916. n.8, ano 1.

*A Columna*. Rio de Janeiro: 01 de setembro de 1916. n.9, ano 1.

### Referências bibliográficas

BARTEL, Carlos Eduardo. **O movimento sionista e a comunidade judaica brasileira 1901-1956**. Rio Grande do Sul: Ed. Prismas, 2016.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

FALBEL, Nachman. **David José Perez: uma biografia**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

\_\_\_\_\_. **Judeus no Brasil: estudos e notas**. São Paulo: EDUSP, 2008.

GILBERT, Martin. **História de Israel**. São Paulo: Edições 70, 2010.

GORENSTEIN, Lina. Da identidade judaica à identidade cristã-nova: “o homem dividido” de Anita Novinsky. In.: (Coord.) LEWIN, Helena. **Judaísmo e Cultura: fronteiras em movimento**. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2013. p. 20-34.

HERZL, Theodor. **O estado judeu**. São Paulo: Projeto Livro Livre, Consulado Geral de Israel em São Paulo, 2015.

\_\_\_\_\_. **Discurso proferido na abertura do Primeiro Congresso Sionista Mundial**. Basileia. 1897.

RIO, João do (Paulo Barreto): **As religiões no Rio**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1976.